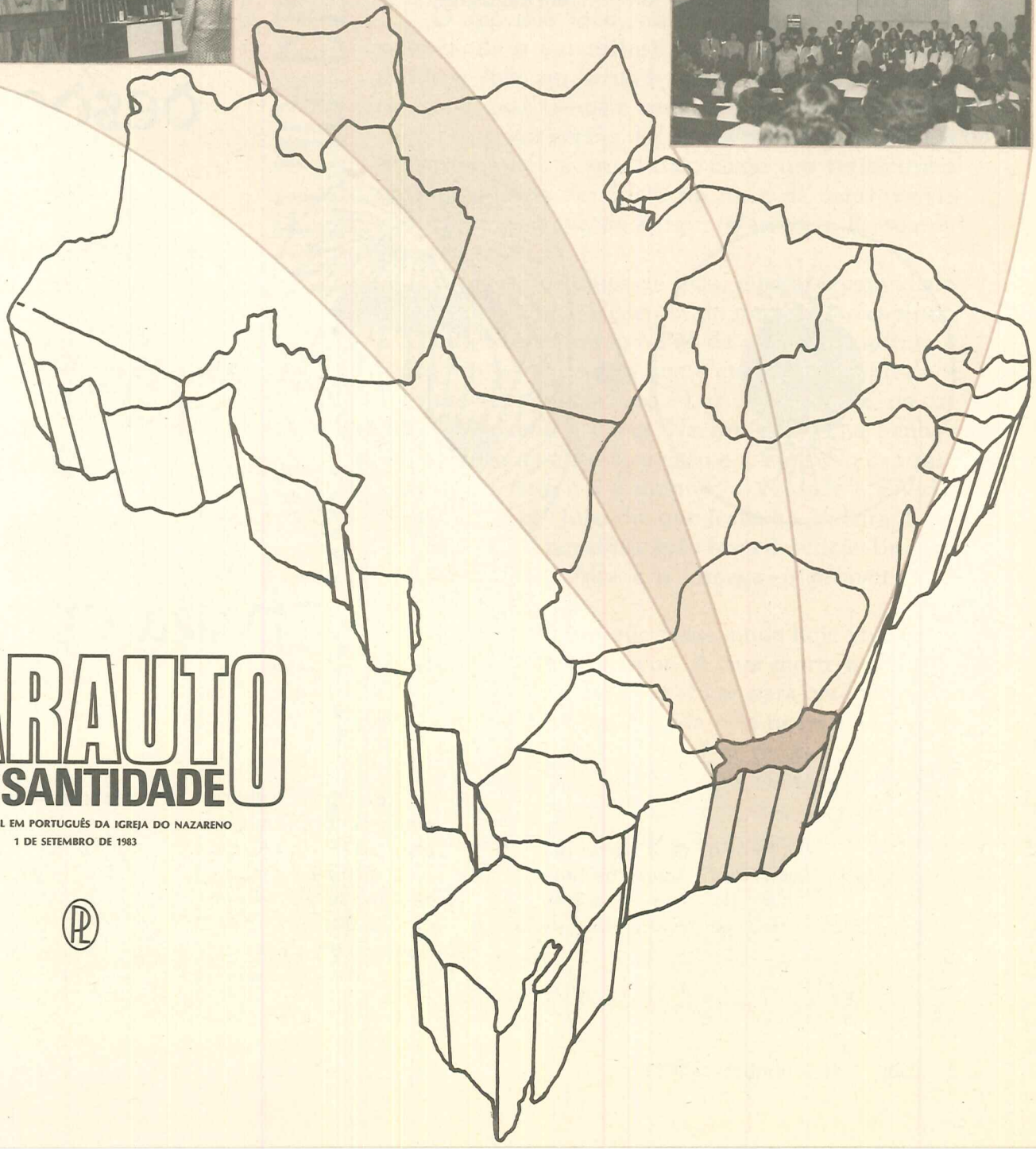
S1

European Nazarene
Bible College
Library

IGREJA DO NAZARENO
SANTIDADE AO SENHOR



O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO
1 DE SETEMBRO DE 1983

Para todos os distritos em que se acha organizado o trabalho mundial da Igreja do Nazareno, existe um alvo dourado: o de atingir a craveira de *Distrito Regular*.

Os requisitos para tal privilégio, como encontrados no *Regulamento da Igreja Nacional*, incluem:

a) um nivel apreciável de auto-suficiência, tanto em finanças como no governo;
b) pelo menos 1.000 membros em plena comunhão;
c) capacidade de satisfazer todas as despesas e necessidades do trabalho, com excepção das instituições da igreja (como, por exemplo, um Seminário).

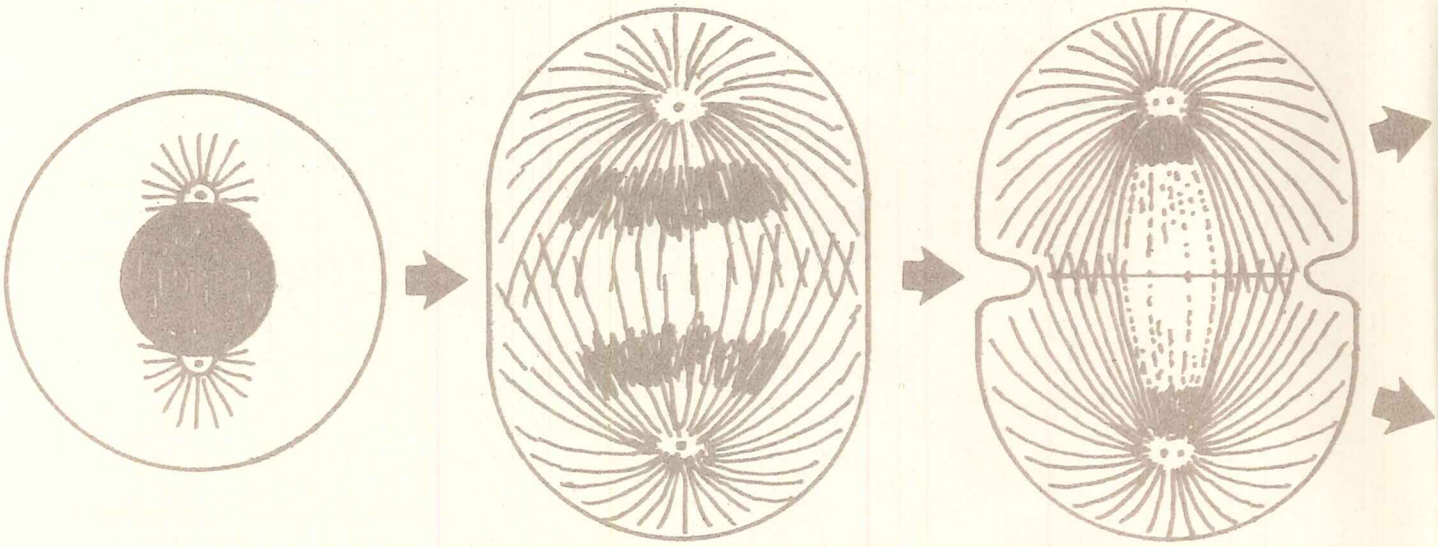
O primeiro distrito de expressão portuguesa a atingir oficialmente estes alvos é o de RIO-SÃO PAULO, no Brasil. A data histórica foi 24 de Janeiro de 1983, cidade de Campinas. Num passo de fé jamais registrado entre nós, o povo e os seus líderes uniram-se conscientemente a 203 outros distritos, no mundo inteiro, que aceitaram já o desafio de se tornarem *Regulares*.

Por unanimidade de votos, o Rev. Joaquim A. Lima foi eleito superintendente.

O distrito Rio-São Paulo surgiu do desdobramento do, até então, Distrito Sudeste do Brasil. A ocasião marcou também um acontecimento de grande significado para nazarenos de qualquer latitude: o nascimento dum novo distrito a que se deu o nome de MINAS-CENTRO OESTE.

Sob a presidência do director regional Dr. James J. Hudson, reuniram-se em 27 e 28 de Janeiro de 1983, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, os nazarenos

DESDOBRAR



PARA CRESCER

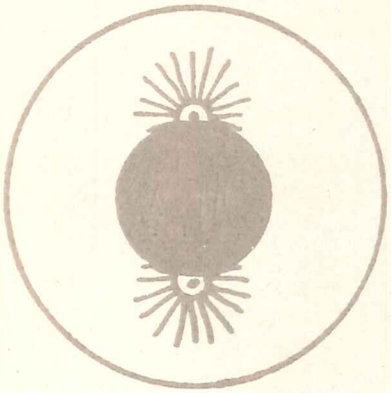
Nota: As fotos da capa deste número de *O Arauto da Santidade* documentam o histórico acontecimento.

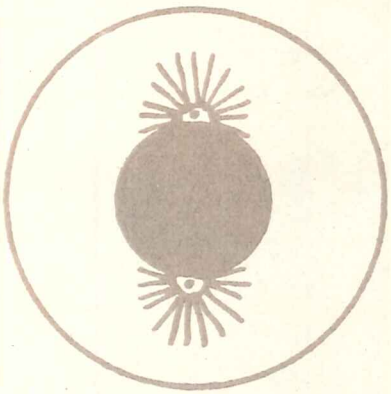
1. O Rev. Dilo Palhares aceita a homenagem prestada pela Assembleia a quando da sua eleição à superintendência (*Da esq. para a direita,* Rev. Dilo Palhares, Rev. Joaquim Lima, Dr. James Hudson e Rev. Felício de Mário).
2. O Dr. James Hudson, director regional, numa mensagem à Assembleia Distrital.
3. Parte da assistência du-

que haveriam de eleger um superintendente para o novo distrito. Houve inspiradora unanimidade na escolha do primeiro brasileiro a ocupar a superintendência: o Rev. Dilo Palhares, obreiro que por anos vem pastoreando com êxito, homem dedicado que soube grangear a confiança do seu povo.

Aos dois distritos e seus apreciados líderes, estendemos as nossas congratulações pela fé, visão e exemplo que estão dando a todos. Seja para a glória de Deus e para bem desse querido Brasil! □

—J. Barros





rante a Assembleia em Campinas.

4. Leigos e presbíteros na cerimónia de empossamento de cargos e responsabilidades no novo distrito.

(Fotos por Daniel Lima)

O CRISTO DO EVANGELHO DE JOÃO

—Charles H. Strickland
Superintendente Geral

Os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas apresentam Jesus Cristo como o Filho de Deus que veio ao mundo para remir a humanidade. Cada escritor, porém, retrata Jesus de forma especial, dando ênfase a um aspecto diferente do Salvador. Mateus relaciona o seu evangelho às escrituras hebraicas, ligando o Novo Testamento com o cumprimento das profecias do Antigo. Marcos descreve Jesus como o Cristo realizador de milagres com significação especial para os gentios. Lucas apresenta o Mestre como o "Filho do Homem", profundamente envolvido na condição humana.

O apóstolo João completa o quadro descritivo salientando o Cristo histórico como o Filho eterno de Deus. João apresenta Jesus não só como o Messias de Israel, mas também como o Salvador do mundo. Escreveu a sua versão depois da partida para o além dos outros três evangelistas, como um testemunho da humanidade de Cristo no meio da controvérsia subtil que acabava de surgir referente à Pessoa de Jesus Cristo.

Através dos olhos de João, o leitor é convidado a ver Jesus como o Redentor do mundo. No capítulo 6 fala do Mestre como o Pão da vida. No capítulo 8 o próprio Jesus declara que é eterno. No capítulo 9 João descreve Jesus como a Luz do mundo; e, no capítulo 10, como a Porta. No capítulo 11, o Senhor revela-se como a Ressurreição e a Vida. No capítulo 14, Jesus Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida. No capítulo 15, João diz que Jesus é a Videira. E no capítulo 1 do Apocalipse João faz a descrição final do Mestre como o Alfa e o Omega—o primeiro e o último.

A boa notícia é que Jesus ainda hoje vive e encontra-Se ao nosso dispor. A Sua morte expiatória no Calvário continua a ser eficaz para perdoar pecados. A transformação de vida pelo novo nascimento é acessível a quantos a desejem receber através de Cristo. A orientação celestial para a vida é oferecida a todos os que querem andar no centro da vontade de Deus. A graça confortadora da presença do Senhor é franqueada aos desnorteados pelas frustrações da vida moderna. A consolação de Jesus está ao dispor daqueles que andam por vales profundos. A Sua promessa duma vida para além do ocaso encoraja o peregrino que enfrenta com receio a caminhada final. □

O Rev. Almeida e o Jovem que o convidou a falar aos pais.

assim nasceu uma igreja

"Há cerca de oito anos comecei uma Escola Dominical num bairro aonde ia todos os domingos, ora a pé, ora de ónibus e com um acordeão às costas. Certo dia um rapazito disse-me: "Pastor, por que não vai à minha casa dizer aos meus pais o que ensinou aos meninos?" Olhei para o relógio e achei que já era tarde, mas fui. Encontrei num casebre uma família numerosa, interessada no que eu ia dizendo. Prometi voltar e, na quarta-feira seguinte, fiz-lhes uma visita. Soube então que o menino tinha sido internado num hospital com meningite! Fui vê-lo.

Mais tarde esta família mudou de bairro e para uma casa melhor. Procurei-a. Hoje os pais são crentes. O menino converteu-se, tornou-se homem e já está casado. Também outros membros da família se renderam a Cristo. Por causa do convite dum menino que foi atendido quando a pressa parecia aconselhar o contrário, a Igreja de Santo André deu à luz uma filha. É uma segunda Igreja do Nazareno, cheia de vida, belos membros e uma Escola Dominical com média de 32 alunos. No dia da inauguração, 16 de Janeiro de 1983, ela foi aberta ao público e os primeiros passos parecem dizer: *Eu nasci para crescer!* Graças sejam dadas a Deus!" □

—Eudo T. de Almeida

Dia da inauguração da 2a. Igreja de Santo André.

A congregação no seu novo templo.

O ARAUTO DA SANTIDADE

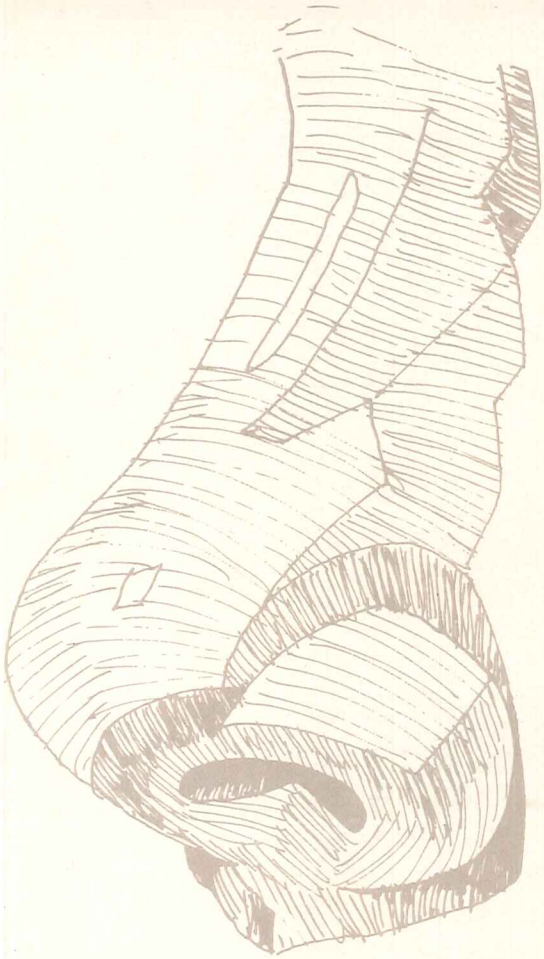
Volume XII
Número 17
1 de Setembro de 1983

BENNETT DUDNEY,
Director Geral
JORGE DE BARROS,
Director
ACÁCIO PEREIRA,
Redactor
ROLAND MILLER,
Artista
CASA NAZARENA
DE PUBLICAÇÕES,
Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE
é membro da EPA
(Associação da Imprensa
Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente por Publicações Internacionais da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.$2.00; número avulso, U.S.$.10. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) is published semi-monthly by Publications Services — Portuguese — of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.$2.00 per year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.



respirar normalmente

Tenho escutado estas palavras várias vezes! Fazem parte dos avisos introdutórios que as hospedeiras dão a bordo das aeronaves comerciais. Falam de cintos de segurança, saídas de emergência e de aparelhos de flutuação. Finalmente, "ao dar-se baixa repentina na pressão da cabina, uma máscara descerá à vossa frente. Ponham-na sobre a boca e o nariz, ajustem a fita elástica à volta da cabeça e continuem a respirar normalmente".

Respirar normalmente? Como poderia eu respirar normalmente depois de advertido dos perigos do vôo? Provavelmente, respiraria com dificuldade. Pois, quando enfrento na vida uma situação especial de emergência, como tenho reagido?

Imaginem que alguém me mandasse andar normalmente, poderia fazê-lo? Poderia sorrir ou falar normalmente? Trata-se dum esforço inconsciente e imprevisto.

Contaram-me dum ancião que tinha barba branca comprida. Alguém lhe perguntou: "Quando você dorme de noite, deixa a barba dentro ou fora dos cobertores?"

Ele nunca pensara no pormenor. Nessa noite, quando se foi deitar, experimentou as duas formas—dentro e fora. Em nenhuma delas se sentiu bem. Passou a noite sem dormir procurando ter a barba numa posição normal.

O nosso serviço cristão também pode ser afectado quando a atenção se concentra em nós mesmos. O serviço mais eficiente é o que se faz com naturalidade, de acordo com os nossos talentos, capacidade e sem pressões. Ainda que haja problemas, Deus oferece força interior suficiente para continuarmos a tarefa com tranquilidade de espírito.

Os nossos missionários e obreiros nacionais trabalham por vezes em condições críticas. Alguns foram presos em anos recentes. Outros vivem em zonas de guerras e de conflitos "a cerca dum quilómetro de distância". Ainda há os que trabalham em países com movimentos terroristas. Quase todos ministram em áreas de intenso nacionalismo. Porém, mesmo no meio de perigos e de forças inimigas eles devem aprender a respirar normalmente. Faz parte vital do compromisso e do serviço cristãos.

O apóstolo Paulo foi o primeiro missionário da Igreja Cristã. Viveu rodeado de obstáculos e perigos. Mencionou aflições, necessidades, angústias, açoites, prisões e tumultos (II Coríntios 6:4-5). E, finalmente, declarou: "Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho" (Filipenses 4:11). Isto é respirar normalmente.

O exemplo supremo é, com certeza, o nosso Salvador, "o qual, quando o injuriavam, não injuriava; e quando padecia, não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente" (I Pedro 2:23).

Exemplo abençoado! Vida gloriosa! □

—L. Guy Nees

graça abundante

—B. Oliver

O apóstolo Paulo declarou aos novos cristãos de Corinto: "Deus é poderoso para fazer abundar em vós toda a graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, toda a suficiência, abundeis em toda a boa obra" (II Coríntios 9:8). Que declaração!

Poderá esta promessa relacionar-se com a prática de dar? Paulo estava nessa ocasião a levantar uma oferta para os santos necessitados de Jerusalém. Referia-se certamente a este versículo ao dizer que se devia dar "não com tristeza, ou por necessidade, porque Deus ama ao que dá com alegria" (II Coríntios 9:7).

Em II Coríntios 8:7, o Apóstolo desafiou: "Assim como, em tudo, abundais em fé, e em palavra, e em ciência, e em toda diligência, e na vossa caridade para conosco, assim, também, abundeis nesta graça". Este texto revela a *expectativa* de Paulo referente aos gentios convertidos. Ele esperava que fossem ricos em todas as graças cristãs: fé, palavra, ciência, amor. Este versículo conclui com a *exortação: Assim, também, abundeis nesta graça.* Aqui o dar é também uma graça! Desenvolvamos a ideia.

O *exemplo* que Paulo usou foi o dos fiéis da Macedónia. Eles tinham passado por grandes provações por causa do seu testemunho cristão. Talvez a perseguição os levasse a perder empregos, pois encontravam-se na pobreza. Mas, embora encarassem dificuldades, mostravam-se contentes. Da sua pobreza foram pródigos em dar. O amor impeliu-os a suprir as necessidades dos santos de Jerusalém, ainda maiores.

Paulo recorda aos seus ouvintes que não está a dar uma ordem, mas a testificar do amor dos macedónios. Depois apresenta-lhes o supremo Exemplo de generosidade—o "do nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre, para que pela sua pobreza enriquecesseis" (II Coríntios 8:9—.

Parece haver aqui uma antífona da graça. A graça de Deus que abunda em vós. A graça divina, por vosso intermédio, abunda em toda a boa obra. Não desejará você participar, neste mês de mordomia, da antífona da graça de Deus? □

origem da oferta de alabastro

—Elizabeth Vennum

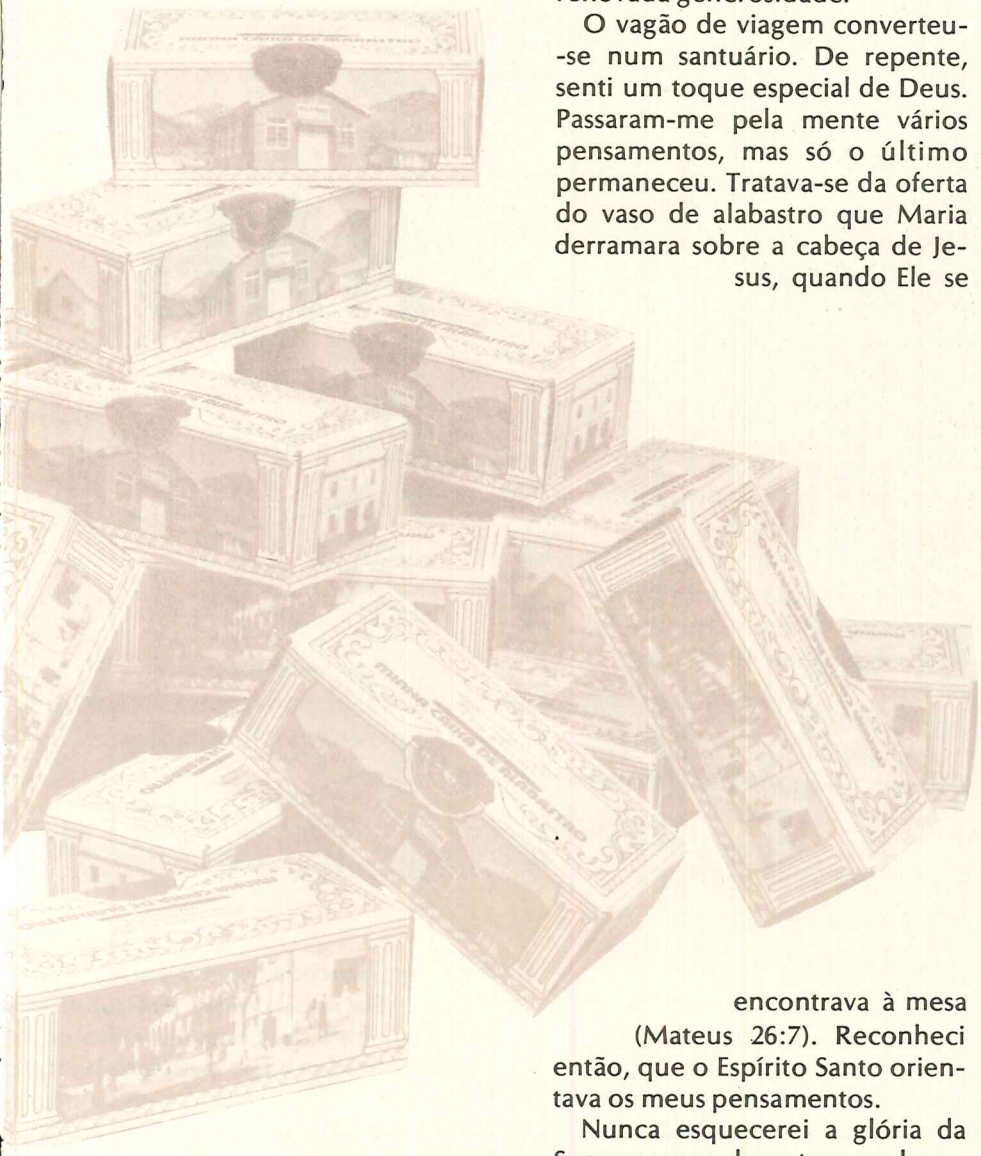
A origem da oferta de alabastro é muito anterior à fundação da própria Igreja do Nazareno. Chega até ao tempo de Jesus Cristo.

Lembra-se da história do perfume de grande valor que Maria usou para ungir a cabeça do Mestre? Ela derramou o unguento

sobre Jesus, como expressão profunda e sincera do seu amor, fé e visão.

Mas que relação terá este exemplo de oferta com o uso moderno que os nazarenos fazem da chamada *caixa de alabastro*?

Em Janeiro de 1948, o Conselho Geral da Sociedade Nazarena de



Missão Mundial discutiu se devia ou não continuar com o programa de *sócios por toda a vida*. Pareceu óbvio a todos ser tempo de substituir a modalidade por outro princípio de ofertas voluntárias. O Conselho Geral sentiu a necessidade dum novo desafio e, como eu era a secretária, pediu-me que elaborasse um plano para ofertas missionárias.

Antes de sair de Kansas City (EUA), onde se realizara o encontro, adoeci. Por isso, tive de fazer a viagem de regresso num vagão-cama. Pedi ao Senhor que me ajudasse e usasse na busca de novo projecto. Também estava convencida da necessidade de desafiar os crentes a ofertarem com renovada generosidade.

O vagão de viagem converteu-se num santuário. De repente, senti um toque especial de Deus. Passaram-me pela mente vários pensamentos, mas só o último permaneceu. Tratava-se da oferta do vaso de alabastro que Maria derramara sobre a cabeça de Jesus, quando Ele se encontrava à mesa (Mateus 26:7). Reconheci então, que o Espírito Santo orientava os meus pensamentos.

Nunca esquecerei a glória da Sua presença durante essas horas em que revia as possibilidades da oferta de alabastro. Enquanto formulava os pormenores e os escrevia para uso futuro, o Senhor inundou-me a alma de luz.

Nas semanas seguintes pensei muito sobre os motivos que levaram Maria a fazer tal oferta e no que diz Mateus 25:40, 45—"Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes"; e, "quando a um destes pequeninos o não fizestes, não o fizestes a mim".

A oferta de Maria foi preciosa aos olhos do Senhor, porque não se baseava em motivos secundários—como o desejo de aprovação do grupo ou para crédito pessoal.

Notei que a oferta de Maria fora de grande preço: dera o melhor que tinha; surgira dum grande amor, fé e visão. O Senhor mostrou-me que também nós podemos ter privilégio semelhante, antes da segunda vinda de Jesus Cristo.

Pensei que se hoje o Mestre nos pedisse comida, roupa ou dinheiro para comprar terrenos e construir edifícios, privar-nos-íamos de tudo para atender o Seu pedido.

Então pareceu-me ver Jesus nos lugares mais remotos do globo a socorrer necessitados e como que a dizer: "Queres fazer algo por Mim? Lembra-te que quando o fizeres a um dos pequeninos, a Mim o fizeste".

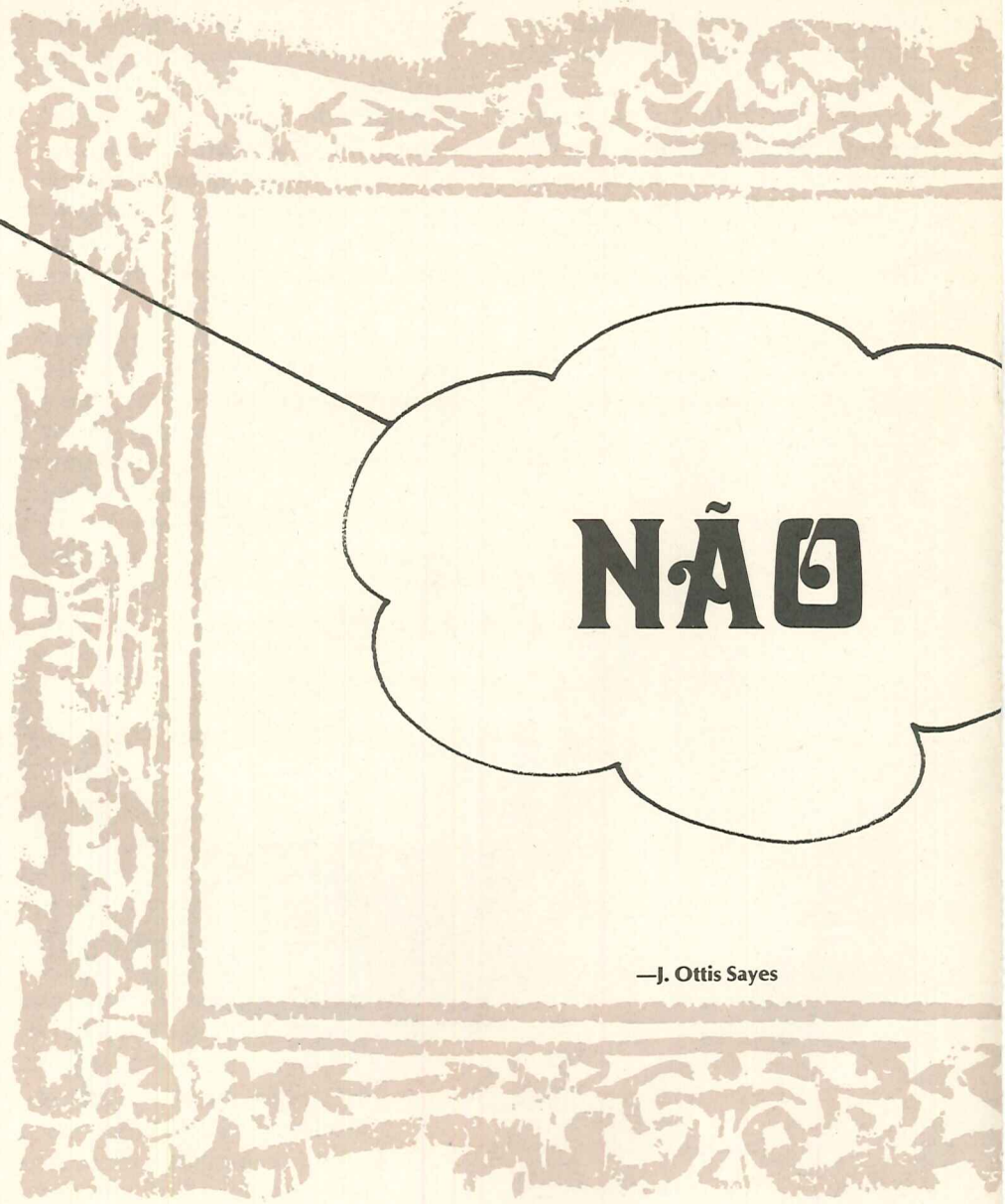
Desde o primeiro instante fiquei ciente de que esta ideia da oferta de alabastro não foi minha, mas veio do céu. Senti-me abençoada com o privilégio de ser guardiã temporária do plano, até ser aprovado.

Entre a inspiração inicial em Janeiro de 1948 e a introdução da oferta de alabastro em Maio de 1949, foram estudados muitos detalhes. A senhora Luísa R. Chapman, então presidente mundial da Sociedade Missionária, colaborou em assegurar a aprovação final da Junta de Superintendentes Gerais e da Divisão de Missão Mundial.

O plano foi posto em prática sob a supervisão duma comissão nomeada pelo Conselho Geral.

Com a oferta de alabastro todos os nazarenos edificamos para a eternidade. Ao contribuir para o campo missionário, estamos na realidade a edificar para o Mestre! □

A ARTE DE DIZER NÃO



—J. Ottis Sayes

"Realça o positivo e esquece o negativo", ouve-se dizer. Este adágio reflecte-se numa filosofia moderna e em estilo de vida prevalecente nos negócios, na organização de sociedades, na elaboração de novos projectos e na religião. Muitos baseiam nele as suas decisões éticas.

As pessoas estão dispostas a dar mais quando desafiadas positivamente. Dedicam-se mais ao trabalho quando este apresenta incentivos atraentes.

A expressão positiva "posso", dita com sinceridade ajuda o homem a conseguir até o que parecia "impossível". Um vendedor ambulante vende mais produtos e artigos quando sabe explorar o lado positivo.

Mas, apesar de tudo, a vida nem sempre mostra o aspecto positivo. Por vezes as circunstâncias apresentam-se de tal forma que somos obrigados a dizer não.

Há anos, um estudo efectuado pela Universidade de Chicago revelou que a palavra *não* é seis vezes mais usada do que *sim*. Torna-se mais fácil apontar o lado negativo que o positivo.

O cristão que procura seguir a vontade de Deus resiste às tentações, como José no Egito, quando disse não às insinuações da esposa de Putifar (Génesis 39:7-23). Ou, como Jesus, que se negou a realizar um milagre só para satisfazer a fome (Mateus 4:1-4). A vida santa exige uma atitude negativa perante a satisfação de maus desejos. A sua necessidade é premente nos nossos dias!

"Pela fé, Moisés, sendo já grande, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, escolhendo, antes, ser maltratado, com o povo de Deus" (Hebreus 11:24, 25). Ele é um exemplo de lealdade que os cristãos devemos imitar.

Não se pode servir ao mesmo tempo a Deus e ao mal (Mateus 6:24). A fidelidade a Deus ajuda-nos a tomar decisões correctas referentes aos bens materiais (Mateus 6:19-21) e às necessidades diárias da vida (Mateus 6:25-34). Apesar de certas decisões negativas, uma atitude firme traz luz e satisfação (Mateus 6:22-23). Moisés sofreu por recusar "ser filho da filha de Faraó" mas, depois, viu a sua recompensa (Hebreus 11:26).

Daniel e os três jovens hebreus responderam *não* à ordem do rei; recusaram-se a adorar a estátua de ouro e proceder contra a consciência (Daniel 3:16-18; 6:4-16). Sofreram logo as consequências da sua atitude; mas, por fim, o bem triunfou sobre o mal.

Após termos rejeitado o mal, Deus não promete momentos de alegria nem que estaremos com Jesus, como Moisés no monte da transfiguração, para celebrar o triunfo (Mateus 17:3). Mas promete que algum dia receberemos recompensa (Gálatas 6:7-9).

Muitas vezes somos identificados, como grupo religioso, pelas nossas negações; mas o carácter santo define-se pelo que se rejeita e pelo que se escolhe. A vida

de santidade é um *sim* à vontade de Deus, o qual implica um decisivo *não* às tentações e ao pecado. Esta forma de pensamento negativo tem muito valor.

O mundo seria diferente se os chefes políticos, os homens de negócio, os professores e o público em geral aprendessem, nas escolhas diárias, a arte de dizer *não*.

Os resultados imediatos da rejeição do mal trazem, por vezes, consequências desagradáveis; mas há uma forma positiva de dizer *não* que conduz à vida (Romanos 6). Procuremos praticar na vida de santidade a arte de dizer *não!* □

certezas de resposta à oração

1. Esta é a confiança que temos para com ele, que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve—João 5:14.

2. Se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito—João 15:7.

3. Por isso vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco—Marcos 11:24.

4. Satisfizeste-lhe ao desejo do coração, e não lhe negaste as súplicas dos seus lábios—Salmo 21:2.

5. Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que são chamados segundo o seu propósito—Romanos 8:28.

6. Clamam os justos, e o Senhor os escuta e os livra de todas as suas tribulações—Salmo 34:17.

7. Agrada-te do Senhor, e ele satisfará aos desejos de teu coração—Salmo 37:4.

8. Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás—Salmo 50:15.

9. Eu, porém, invocarei a Deus, e o Senhor me salvará—Salmo 55:16.

10. À tarde, pela manhã e ao meio-dia, farei as minhas queixas e lamentarei; e ele ouvirá a minha voz—Salmo 55:17.

11. No dia da minha angústia clamo a ti, porque me respondes —Salmo 86:7.

12. Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á —Mateus 7:7.

13. E será que antes que clamem, eu responderei, estando eles ainda falando, eu os ouvirei—Isaías 65:24.

14. Invoca-me, e te responderei; anunciar-te-ei coisas grandes e ocultas, que não sabes—Jeremias 33:3.

15. Então clamarás ao Senhor, e o Senhor te responderá; gritarás por socorro, e ele dirá: Eis-me aqui—Isaías 58:9.

16. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei—João 14:14.

17. Ele me invocará, e eu lhe responderei; na sua angústia eu estarei com ele, livrá-lo-ei, e o glorificarei—Salmo 91:15.

18. Aquilo que pedimos dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos, e fazemos diante dele o que lhe é agradável —João 3:22.

19. Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, orar e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra —II Crónicas 7:14.

20. E tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis—Mateus 21:22.

21. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á—Lucas 11:10.

22. E, se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obtemos os pedidos que lhe temos feito—I João 5:15.

23. Aquele que não poupou seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?—Romanos 8:32.

24. Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nele, e o mais ele fará—Salmo 37:5.

25. É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam —Hebreus 11:6.

26. Buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração—Jeremias 29:13. □

o ministério da reconciliação

—Theodore E. Martin

Em II Coríntios 5:16-20, o apóstolo Paulo menciona a tarefa dos cristãos mais como uma dádiva do que uma obrigação. Fala da nossa responsabilidade não como trabalho simplesmente humano, mas no sentido espiritual do ministério. A relação com Cristo é nova em todas as dimensões.

A forma antiga de viver foi substituída pela nova comunhão com o Senhor. Passamos ao cumprimento do ministério da reconciliação. Nós somos os continuadores da obra de Cristo no mundo. Não transmitimos as nossas palavras ou ideias, mas as d'Ele. Intercedemos em Seu nome pelos homens.

Estas palavras de Paulo constituem um mandato: "Rogamo-vos, pois, da parte de Cristo" (v. 20). Não se trata de convite comum. Pressupõe urgência, preocupação e lágrimas. Certa ocasião, uma senhora ainda nova na igreja perguntou-me porque insistia tanto no apelo ao altar. Vieram-me logo à mente as palavras do versículo 20. Como se poderá, em nome de Cristo, pedir casualmente aos perdidos que aceitem a salvação? Lucas 13:34 e Mateus 23:37 são ilustrações de como Jesus reagiu em certas circunstâncias: "Jerusalém, Jerusalém!"

A grandeza do amor redentor de Deus não tem limites. "Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós (II Coríntios 5:21).

por que dar?

—Mário J. Zani

Ouço por vezes, com tristeza, certas queixas de pessoas crentes: "Esta igreja só sabe pedir. Quando chegará o dia que não invente mais razões para nos arrancar o dinheiro?"

Um dos maiores problemas que enfrenta a evangelização não é a resistência dos não convertidos, mas a falta de liberalidade dos cristãos.

Muitos declaram que dão o dízimo, além de ofertas. A Bíblia diz, entretanto, que o dízimo é o mínimo que devemos dar, não o máximo. Infelizmente há cristãos que se privam de bênçãos por não entregarem os seus pães e peixes, sinónimos de "tudo", para que Cristo os multiplique e alimente multidões.

O idealismo leva-nos a perguntar: "Por que nos falta o espírito da Igreja Primitiva?" Talvez alguns respondam que é por não haver colaboração. Mas, primeiro, deveremos remover a trave dos nossos olhos.

Por vezes somos tentados a dizer: "Eu faço mais do que muitos . . . por isso não me peçam mais". É perigoso olhar para os outros, sobretudo, quando indolentes, criticadores e medíocres.

Há quem assista à igreja só para receber. É verdade que existem necessidades materiais e espirituais. Mas a igreja procura dar assistência com o alimento espiritual e, muitas vezes, com o material, através de pessoas activas que se deslocam a casas particulares quando há enfermidade, tragédia ou morte.

Estaremos nós a dar na medida em que recebemos? Quando foi a última vez que visitámos doentes ou presos? Quantas crianças temos levado à igreja? Quantas vezes dissemos ao pastor: Conte comigo?

Se dermos sem olhar ao custo, experimentaremos a alegria que devia ter inundado o jovem que ofereceu os pães e os peixes: comeu ele e todos os outros.

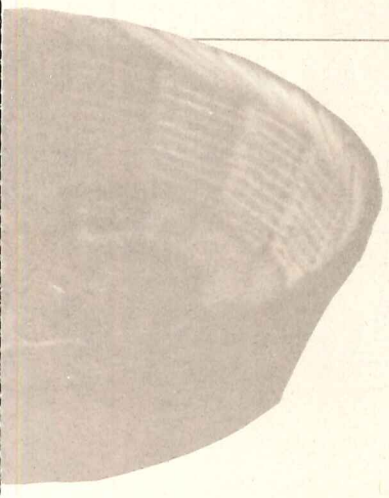
Dar implica obedecer. Na introdução da parábola dos dois alicerces, Jesus Cristo perguntou: "Por que me chamais: Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo?" (Lucas 6:46). A obediência a Deus implica um preço mais elevado que assistir regularmente à igreja. Exige consagração completa a Deus.

Dar é descobrir, cultivar e pra-

Estas palavras mostram até onde Deus chegou para nos salvar. Certa jovem afastou-se do lar paterno. A mãe procurou-a por toda a parte, mas sem resultado. Convencida de que ela teria vergonha de voltar, colocou a sua fotografia em diversos locais com as palavras: "Regressa ao lar". Alguém disse que Cristo é o quadro vivo de Deus a convidar: "Regressa ao lar".

O apóstolo Paulo chega ao cume do significado da reconciliação quando diz: "Para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (v. 20). Não há justiça mais sublime que a de Deus em Cristo. Na oração sacerdotal Jesus agradece ao Pai a glória que d'Ele recebera. Depois, ao interceder pelos discípulos, disse que repartia com eles essa mesma glória. Cristo vitorioso recebe e reparte com os Seus a glória que possuía antes da fundação do mundo. Não só com alguns privilegiados, mas com todos aqueles que crêem por intermédio dos Seus seguidores.

As reconciliações humanas são geralmente parciais e débeis. Mesmo quando feitas com boa intenção, acabam por vezes em fracasso. Não sucede o mesmo com a reconciliação divina. Esta abrange desde a profundidade do pecado até ao apogeu da glória. Ser feitos justiça em Cristo significa desfrutar duma relação perdurável. □



ticar os dons que Deus nos deu. A vida cristã é activa; e a igreja deve constar de membros "cumpridores da palavra e não somente ouvintes" (Tiago 1:22). Os dons de música, visitação, evangelização, hospitalidade e oração precisam de ser usados quanto antes para a salvação de almas e crescimento da igreja.

Certa moça comentou: "Nós, os cristãos, devíamos fazer sempre o melhor em vez de nos conformarmos com o medíocre". Referia-se a uma representação musical que fora muito aplaudida pelos visitantes. E continuou: "Se os profissionais se empenham tanto em cultivar talentos para agradar ao mundo, não devemos nós ter esmero para agradar a Deus e ganhar almas?"

Descobrir talentos exige disciplina e tempo. Aos que, guiados pelo Espírito Santo, sentem que é ocasião de despertar as consciências, cabe demostrar espírito contagioso, dinâmico e perseverante.

Conheci um jovem que reunia estes três elementos. Procurava incentivar a juventude nas actividades da igreja. Conservava sempre um espírito altruísta. Quando alguns não colaboravam, escolhia outros novos para os substituir. A igreja cresceu, em parte, pela vida e testemunho desse jovem. O seu propósito era, acima de tudo, a vontade de Deus.

Dar significa entregar quanto temos ao Senhor. Isto não indica que os cristãos têm de viver na miséria. Se assim fosse, como construiríamos templos, pois não teríamos dinheiro? Como pregaríamos o evangelho até aos confins da terra? Como imprimiríamos Bíblias?

Entregar os nossos bens ao Senhor significa que tudo Lhe pertence. Nós somos Seus mordomos. Norman Peal declarou que "os ricos e os pobres que fracassam têm muito em comum. Os ricos recusam dar da sua abundância e os pobres da sua escassez. Só contribuem para si próprios".

Se os cristãos dessem o que deviam, não haveria necessidade de tantas ofertas especiais. Contribuamos com generosidade para a obra do Senhor.

Dar é ter fé em Deus; e ter fé em Deus é dar sem olhar ao custo.

Morri na cruz por ti,
Morri p'ra te livrar;
Meu sangue, sim, verti
E posso te salvar.
Morri, morri na cruz por ti:
que fazes tu por mim? □

mais que religião

Em que pensa você quando alguém lhe menciona a palavra "tortura"? Em cientistas que fazem experiências com animais indefesos? Em sofrimento de campos de concentração? Ou em tarefas escolares durante o tempo de férias?

Conscientemente eu nunca fiz sofrer qualquer pessoa. Recordo que, certa vez, quando procurava representar numa comédia escolar, um dos professores declarou que esteve quase a chamar a polícia pelo sofrimento que lhe causara a minha actuação.

Em visita recenta à Europa, informei-me de uma forma de tortura usada nos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial. Estar preso já era sofrer. Mas tornava-se horrível a forma como se atormentavam os vivos com fotografias e películas cinematográficas de pessoas mortas de modo dramático e com extremos de crueldade.

No entanto, os presos não tinham outra alternativa. Sofriam pelo facto de ser judeus.

Há quem nos considere mártires. Mas não é um termo exacto. Mártir é a pessoa que, perseguida por razões que pode aceitar ou negar, prefere ser castigada a renegar a sua fé, quando obrigada a fazê-lo.

Estêvão, o primeiro mártir cristão, teve a oportunidade de escapar à morte antes dos fariseus ordenarem o seu apedrejamento. Mandaram-lhe que deixasse de pregar, mas ele respondeu que não. Parece simples? Na verdade o que mais desgostou os religiosos judeus foi Estêvão revelar quem eles eram diante do povo. Deram-lhe a escolher: deixar de dizer a verdade acerca de Cristo e de os acusar ou, então, morrer.

Ele tinha liberdade para decidir. Podia ter dito: "Está bem, farei o que vocês me pedem". Mas, evidentemente, não o fez e foi morto.

Embora talvez me falte coragem de fazer o mesmo para defender a fé em Deus, reconheço que os cristãos autênticos sabemos dever ser inquebrantável a nossa consagração.

O mais importante é compreender que a nossa relação com Deus é tão significativa que preferiríamos morrer a deixar de servir e crer n'Ele. A nossa comunhão com Deus deve ultrapassar todas as coisas deste mundo, pois seríamos incapazes de viver sem Ele.

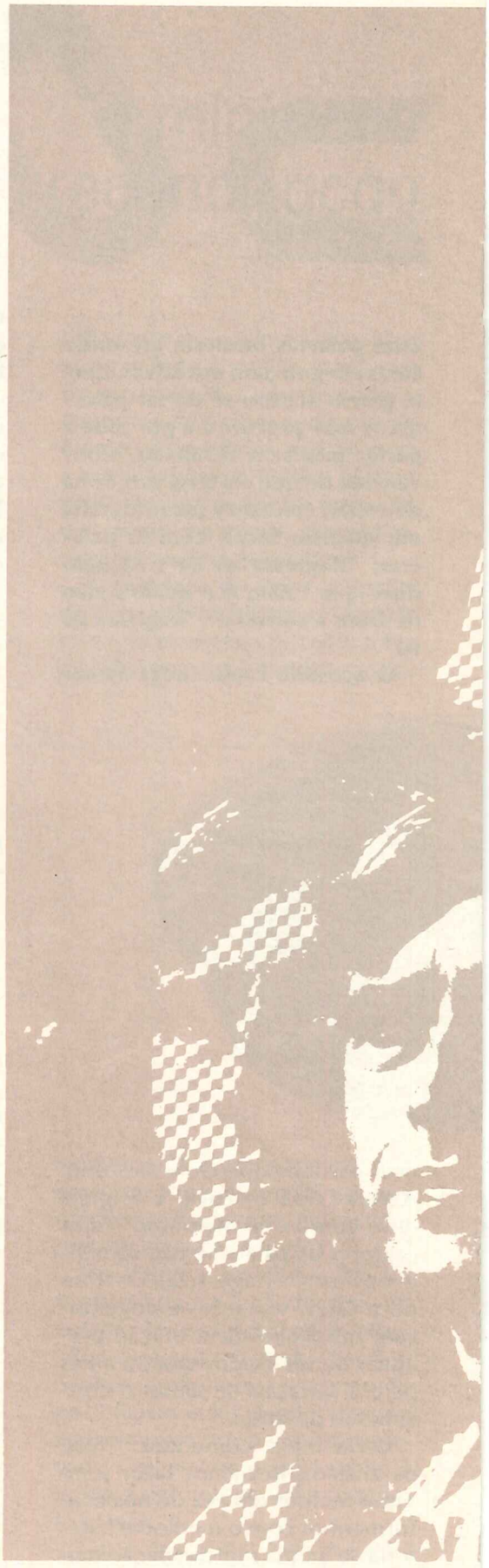
Existem outras formas de reconhecer a relação com Deus. Quantas vezes nos sentimos tristes por alguém criticar os nossos costumes cristãos? Quando foi a última vez que despendemos dinheiro ou tempo em ajudar uma pessoa necessitada? Por vezes é mais fácil dizer "darei a minha vida pelo evangelho" do que "darei parte de mim mesmo (amizade, tempo, dinheiro, etc.) pelo que o evangelho representa para mim".

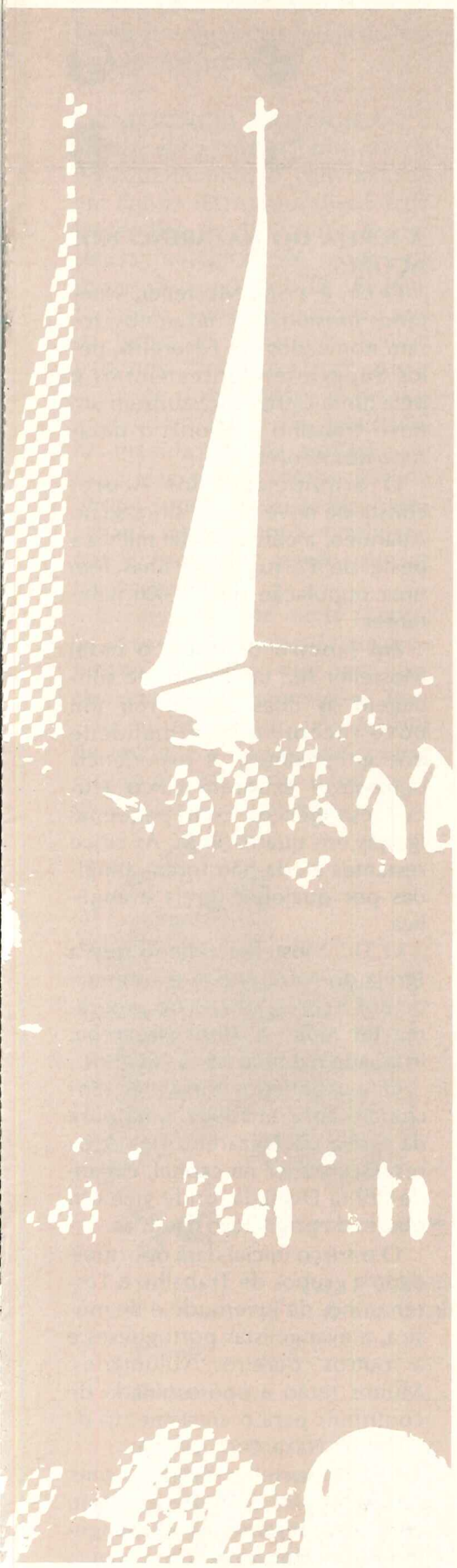
A narração da morte de Estêvão ilustra o que pode acontecer quando morremos por Deus. Saulo de Tarso foi o homem a cujos pés ficou a roupa de Estêvão. Ele participou naquela morte.

Quando o povo enfurecido lhe atirava pedras, Estêvão ainda pôde exclamar: "Senhor, não lhes imputes este pecado" (Actos 7:60). As suas palavras tocaram o coração de Saulo. Na próxima viagem de perseguição aos primeiros discípulos, o Senhor apareceu-lhe e transformou a vida. Talvez Saulo não tivesse agido sem o impacto da dedicação e do Espírito de Deus na vida de Estêvão.

Ser *mártir* por causa de Cristo é um privilégio. Se mantivermos correctamente as prioridades da vida, o que fizermos em nome de Deus contribuirá para bem. □

—Dean Nelson





No fim do seu livro sobre o Espírito Santo, Billy Graham diz que a "cruz (de Jesus Cristo) é prova evidente de que a santidade é o princípio pelo qual Deus estaria disposto a morrer".

Por quê? A resposta básica é que Deus deseja a nossa santidade *porque Ele é santo!* Tanto no Antigo como no Novo Testamento a santidade relaciona-se com a natureza essencial de Deus. O desejo de Deus torna-se razão irrefutável para que os pecadores se convertam e vivam santamente. Temos, entre outras exortações do Antigo Testamento: "Ser-me-eis santos, porque Eu, o Senhor, sou santo e separei-vos dos povos, para serdes meus" (Levítico 20:26); "Vós vos santificareis, e sereis santos, porque eu sou santou" (Levítico 11:44).

Na primeira epístola, o apóstolo Pedro refere-se ao mesmo assunto: "Como é santo aquele que vos chamou, sede vós, também, santos, em toda a vossa maneira de viver; porquanto está escrito: Sede santos, porque eu sou santo" (1:15-16).

As Escrituras dizem que "Deus é santo" e que "Deus é amor" (I João 4:8). Por isso, a declaração mais enfática relacionada com a natureza moral de Deus é que Ele é *amor infinito, pessoal* e *santo*.

Jesus Cristo, Deus-Homem, é a relação perfeita do Pai: "O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa... assentou-se à dextra da majestade nas alturas" (Hebreus 1:3). Ao falar da natureza do nosso Senhor e ao citar o Salmo 45:6-7, o autor da Epístola aos Hebreus declara: "Ó Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos, ceptro de equidade é o ceptro do teu reino; amaste a justiça e aborreceste a iniquidade; por isso, Deus, o teu Deus te ungiu com óleo de alegria, mais do que a teus companheiros" (Hebreus 1: 8-9). Isto indica que o carácter santo de Deus revelado em Jesus Cristo se manifesta no amor e na rejeição da *iniquidade*.

O pecado—polo oposto da santidade—conduz à maldade e odeia a justiça. Evidencia-se pela anarquia moral e rebelião contra a autoridade dum Deus santo e justo.

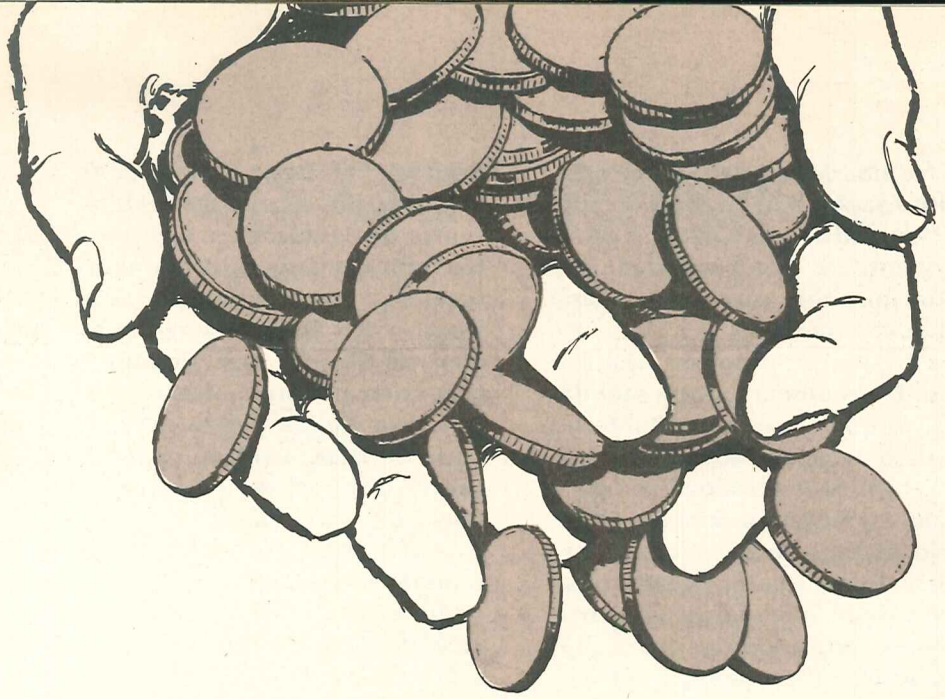
Foi para vencer o espírito egoísta e rebelde contra o Deus santo que Cristo veio ao mundo, encarnou e Se ofereceu voluntariamente em holocausto na cruz do Calvário (Filipenses 2:5-9). Ele deu a vida para que nós pudéssemos por intermédio do ministério do Espírito Santo *participar* da mesma vida e natureza de Deus: a Sua santidade (II Pedro 1:3-4).

A santidade é tão importante para Deus que Ele enviou ao mundo Seu Filho unigénito. Este morreu na cruz para que participássemos da Sua semelhança! O autor da Epístola aos Hebreus salienta esta verdade redentora: "Por isso, também, Jesus, para santificar o povo pelo seu próprio sangue, padeceu fora da porta" (13:12).

Evidenciaremos, por graça e fé, que possuímos a santidade de Deus —como se manifestou na vida de Jesus Cristo—quando amarmos a justiça e aborrecermos a iniquidade. □

PARA DEUS

—Paul T. Culbertson



as mãos de quem dá

—John Henry Jowett

Caim e Abel trouxeram ambos a sua oferta ao Senhor; mas uma foi aceite e a outra rejeitada. É o ofertante que determina o valor da oferta. Deus não olha para a dádiva em si, mas para a mão que lha traz. "As vossas mãos estão contaminadas de sangue e os vossos dedos de iniquidade!" (Isaías 59:3). O Senhor olha, com favor, para "o puro de mãos" (Jó 17:9); mas desvia o Seu olhar daqueles por detrás de cujo louvor se esconde a impureza. Um pano branco manchado de nódoas é sempre desagradável à vista; mas se, apesar de sujo, alguém tem o cuidado de o engomar, então o próprio requinte da operação torna-o particularmente repulsivo! Podemos ser apreciadores de belas e delicadas iguarias: mas qual de nós as aceitaria de mãos conspurcadas? "Purificai-vos, os que levais os vasos do Senhor" (Isaías 52:11).

O Senhor aceita toda a dádiva que Lhe é trazida por mãos puras. A oferta mais insignificante, um simples copo de água fresca, o nosso trabalho diário, os primeiros e mais perfeitos frutos da nossa terra—todos receberão a bênção de Deus se as mãos que os apresentarem não estiverem contaminadas. E o mesmo se passa com tudo o que oferecemos ao Senhor. Uma canção de louvor sobe até Deus e é por Ele escutada se forem puros os lábios de quem a canta. Como diz Tomás de Kempis (suposto autor da *Imitação de Cristo*), são as asas da pureza que levam até à presença de Deus tudo o que Lhe oferecemos. □

Mateus 13:38

CAMPO É MUNDO

A IGREJA DO NAZARENO NOS AÇORES

O Dr. e a Sra. Mosteller, veteranos missionários nazarenos, foram nomeados em Fevereiro, pelos Superintendentes Gerais e pela Junta Geral, para abrirem um novo trabalho missionário nazareno nos Açores.

O arquipélago dos Açores consta de nove ilhas e situa-se no Atlântico, a cerca de 900 milhas a oeste de Portugal. As ilhas têm uma população de 250.000 habitantes.

Em Janeiro de 1983, o casal Mosteller fez uma visita de sondagem às ilhas. Encontrou um povo receptivo e cordialidade dos governantes. A experiência demostrou existirem cinco grupos evangélicos com pequenas igrejas em quatro ilhas. As cinco restantes ainda não foram atingidas por qualquer igreja evangélica.

O Dr. Mosteller relatou que a Igreja do Nazareno já é conhecida nos Açores, através do programa de rádio *A Hora Nazarena*, irradiado nas ilhas há vários anos.

Os missionários Mosteller tencionam abrir em 1984, uma obra da Igreja do Nazareno nos Açores. Deverá ser na capital, cidade de Ponta Delgada, onde vive um quarto da população das ilhas.

O esforço inicial dará oportunidade a grupos de Trabalho e Testemunho, de juventude e de música, a evangelistas portugueses e a outros obreiros voluntários. Muitos terão a oportunidade de contribuir para o crescimento da Igreja do Nazareno nas ilhas.

O Dr. Mosteller declarou que, por onde foi, sempre deparou com corações abertos ao evangelho e que dois jovens se conver-

teram—primeiros frutos da colheita que aguarda a Igreja do Nazareno nos Açores.

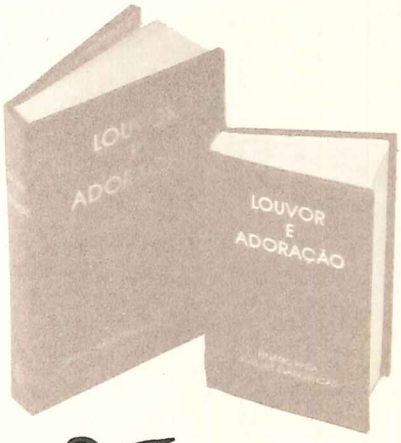
CONFERÊNCIA TEOLÓGICA

Pela sexta vez na história da nossa denominação, convocou-se em Kansas (EUA), nos dias 5-7 de Dezembro de 1982, uma conferência teológica. Foi orador da sessão de abertura o Dr. Eugene L. Stowe, superintendente geral da Igreja do Nazareno. Apelou para uma "fresca e clara" articulação da nossa missão e mensagem como igreja de santidade. "A medida final na avaliação do êxito das nossas instituições de ensino superior", disse ele, "será achada na contínua fidelidade dessas escolas à missão que as trouxe à vida".

Em atmosfera de muita abertura, os exponentes abordaram problemas delicados que provocaram inúmeras intervenções. Prevaleceu, entretanto, um espírito de unidade e de respeito mútuo que só poderá ajudar o futuro da igreja e do seu ministério global.

Parte dos 105 convidados para a Sexta Conferência Teológica Nazarena.

Corpo editorial da Igreja do Nazareno que participou no encontro teológico. *Sentados:* Sérgio Franco, Jorge de Barros, Gene Van Note, Wes Tracy, Gary Sivewright, William Greathouse; *De pé:* W. E. McCumber, John Denney, David Best, John B. Nielson.



"AGRADOU PLENAMENTE"

Assim diz o comunicado oficial do distrito Rio-São Paulo, a respeito do novo hinário *LOUVOR E ADORAÇÃO*. Agradecemos, também, o envio do relatório do superintendente Joaquim A. Lima, à Assembleia Distrital de 1983, em que este líder salienta:

"A Igreja brasileira sente-se feliz pelo ministério do departamento de Publicações Internacionais. O hinário *LOUVOR E ADORAÇÃO* chegou, enchendo os nossos olhos. Que preciosidade! Que riqueza espiritual! Deus recompense abundantemente a equipe chefiada pelo Rev. Jorge de Barros. Que tarefa especial e por vezes "fria"! Têm a nossa apreciação e simpatia irrestritas."

Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

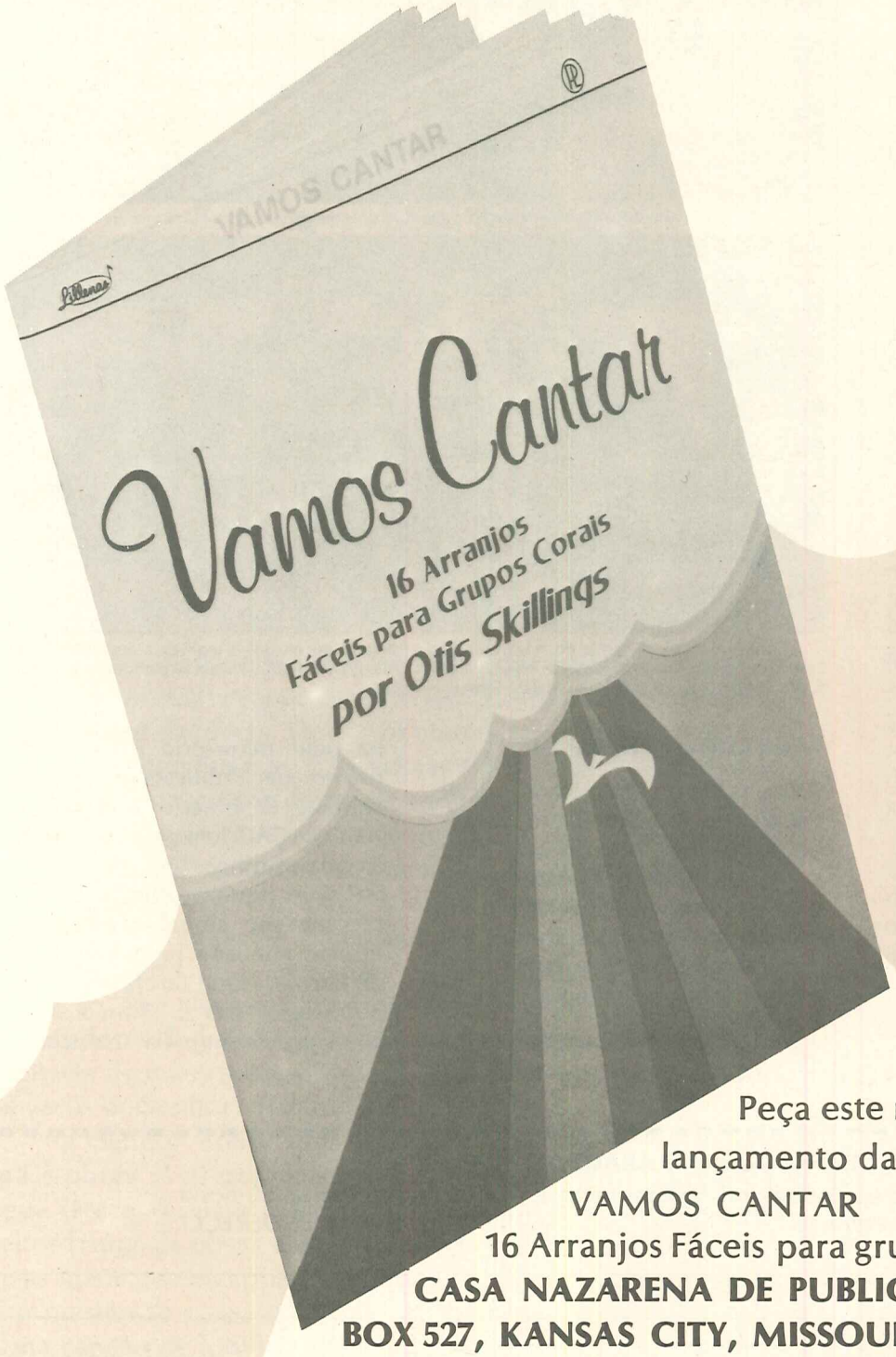
Faça HOJE a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo	*NOVO ENDEREÇO*
Nome _____	_____
Endereço _____	_____
_____	_____

Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5° E., 1000—Lisboa.

Faça uma assinatura, enviando a importância de US$2.00 para qualquer dos endereços acima indicados.

SECOND-CLASS POSTAGE PAID AT KANSAS CITY, MISSOURI — SEPTEMBER 1, 1983



Peça este novo
lançamento da Lillenas:
VAMOS CANTAR
16 Arranjos Fáceis para grupos corais.
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES
BOX 527, KANSAS CITY, MISSOURI 64141, EUA
Preço US $3.00